

A correspondência entre a relação eu-outro das *Meditações Cartesianas* e a relação mundo-natal-mundo-estrangeiro dos manuscritos de 1929-1933

Israel Rossi Milhomem

Mestrando em Filosofia [USP]

Bolsista FAPESP

israel.milhomem@usp.br

Resumo: Pretende-se, com esta comunicação, estabelecer uma investigação comparativa entre duas chaves de conceitos husserlianos, a saber, a relação entre o eu e o outro, elaborada nas *Meditações Cartesianas* (1929), e a relação entre o mundo natal e o mundo estrangeiro, elaborada no livro *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität: Dritter Teil*, especialmente nos manuscritos que vão de 1929 até 1933. Embora as duas chaves conceituais estejam em discussões teóricas divergentes, defendemos que é possível estabelecer uma relação de correspondência entre elas, na medida em que as duas se assemelham em três características estruturais: a anterioridade, a analogicidade e a intercambialidade. Como aporte teórico, a presente comunicação traz duas interpretações divergentes acerca da relação entre as duas chaves conceituais: a tese continuísta de Klaus Held, que se encontra em seu artigo *Heimwelt, Fremdwelt, die eine Welt* (1991), e a tese descontinuísta de Anthony Steinbock, que se encontra em seu livro *Home and Beyond: Generative Phenomenology after Husserl*. Assim, pretendemos mostrar que, apesar de divergentes, as duas posições são complementares para a compreensão deste paralelismo conceitual, pois, de um lado, aponta-se para o aspecto do “como-se” [*wie wenn*], e, de outro, aponta-se para o aspecto da codependência. Ao fim e ao cabo, nosso intuito é mostrar que, apesar das *Meditações Cartesianas* serem apenas um dos possíveis desenvolvimentos acerca da temática da intersubjetividade transcendental em Husserl, tal obra possui um lugar paradigmático para a compreensão da questão.

Palavras-chave: Husserl; *Meditações Cartesianas*; Manuscritos de 1929-33; Eu-outro; Mundo-natal-mundo-estrangeiro.

Introdução

Sabe-se que, dentre as obras e os manuscritos de Edmund Husserl, a Quinta Meditação das *Meditações Cartesianas* (1929) é, sem dúvida, um dos trechos mais importantes no que diz respeito à reflexão fenomenológica acerca da experiência perceptiva que se tem do outro. Em grande medida, isso se deve às numerosas e bem trabalhadas páginas que buscam, dentre outras coisas, refutar a possibilidade de solipsismo na fenomenologia, explicitar a experiência do outro no seu nível primordial e, principalmente, fundar uma teoria transcendental do mundo objetivo a partir da relação que o eu tem com o outro.

No entanto, apesar da inegável importância dos avanços filosóficos da Quinta Meditação, pode-se sempre colocar em questão o quão correspondentes eles são com as produções posteriores.

Isto porque, dada as pretensões fundacionistas do texto em questão¹, seria natural supor que as investigações posteriores deveriam ou seguir a partir das *Meditações* ou, no mínimo, ser com ela concordantes. Em especial, isto deveria valer para os escritos que giram em torno da reflexão acerca das relações intersubjetivas em seus níveis superiores, como a relação mundo-natal-mundo-estrangeiro.

Para o presente texto, portanto, tem-se a pretensão de avaliar as reverberações dos resultados da Quinta Meditação em manuscritos produzidos entre 1929 e 1933. A intenção é pensar uma equiparação entre duas estruturas semelhantes, a saber, a estrutura eu-outro das *Meditações* e a estrutura mundo-natal-mundo-estrangeiro dos manuscritos. Assim, o texto pretende pensar em que medida essa segunda estrutura, fruto de investigações posteriores, reverbera e/ou atualiza os avanços das *Meditações*.

A hipótese central do presente trabalho é que, apesar das diferenças características de cada uma dessas estruturas, há, no entanto, uma continuidade coerente entre o nível mais primordial da relação entre o eu e o outro e, por sua vez, o nível superior da relação entre um mundo natal e um mundo estrangeiro. Assim, o presente trabalho defenderá que a diferença entre as duas instâncias é apenas de grau, e não de natureza. Para tanto, divide-se o presente trabalho em três etapas. Na primeira, apresentar-se-á o quadro geral das duas estruturas. Na segunda, através do embate entre Klaus Held e Anthony Steinbock, refletir-se-á o problema da continuidade ou ruptura entre os níveis intersubjetivos. Por fim, na terceira, apresentar-se-á, através de uma mediação entre os dois autores, a hipótese central do presente trabalho.

1. Apresentação das duas estruturas intersubjetivas

1.1. A estrutura eu-outro nas *Meditações*

Sabe-se que a Quinta Meditação das *Meditações Cartesianas* possui ao menos dois objetivos gerais. O primeiro e mais explícito é refutar a hipótese de que a fenomenologia, enquanto um idealismo transcendental, seja uma filosofia solipsista. O segundo, consequência direta da solução ao solipsismo, é a fundação de uma teoria que dê conta de explicar o sentido objetivo do mundo. Assim, segundo Husserl, ambas as conquistas da fenomenologia só se realizariam através de uma explicitação da experiência do alheio [*Fremderfahrung*], i. e., através de uma descrição detalhada do modo como o *ego* experiencia o *alter-ego* no seu nível mais primordial, e como, a partir deste nível, se constituem as relações intersubjetivas superiores.

No entanto, o que interessa ao presente trabalho é, em certa medida, os modos de explicitação da experiência do alheio, isto é, os meios pelos quais Husserl realizou uma descrição detalhada da experiência que o eu tem do outro. Para tanto, há três características centrais que marcam tais modos: a) a anterioridade do eu ao outro; b) a analogicidade da relação eu-outro; c) e a intercambiação da relação eu-outro.

Sobre o primeiro aspecto, pode-se observar especialmente o modo de construção descritivo da Quinta Meditação. Seguindo a via cartesiana, Husserl propõe uma redução temática de toda a operatividade do alheio para, a partir disto, demarcar aquilo que diz respeito exclusivamente ao eu. Ao fazer isso, o filósofo acredita que pode delimitar um ponto de partida seguro sobre o qual poderá erigir toda uma investigação relativa ao outro. Ponto de partida que será identificado, após a redução temática, como a esfera primordial do eu.

1 “O problema está posto, desde logo, como um problema especial, precisamente como o problema do aí-para-mim dos outros, portanto, como tema de uma teoria transcendental da experiência do que me é alheio, da chamada intropatia. Mas imediatamente se torna patente que o alcance de uma tal teoria é muito maior do que parece à primeira vista, dado que ela também conjuntamente funda uma teoria transcendental do mundo objetivo” (HUSSLERL, 2013, p. 130).

Por isso, Husserl (2013, p. 128) diz que “temos de ganhar uma visão sobre a intencionalidade explícita e implícita em que, a partir do terreno do nosso *ego* transcendental, o *alter-ego* se anuncia e se confirma”. Pois, ao fim e ao cabo, o modo descritivo da experiência do alheio continuamente trabalha com o princípio de anterioridade do eu. Mesmo que, posteriormente, Husserl venha a falar de um “nós transcendental” e de uma “comunidade intermonádica”, ainda assim, nos níveis mais primordiais, a experiência do alheio se principia pela delimitação precisa do eu. Pois, é só quando “o *ego* for delimitado no que lhe é próprio” que se levantará “a questão de saber como pode o meu *ego*, no interior da sua propriedade, constituir sob o título de ‘experiência alheia’, precisamente algo alheio” (HUSSERL, 2013, p. 132).

Tal anterioridade do eu não poderia ser diferente, já que a relação eu-outro das *Meditações* é pensada, nos seus vários níveis de constituição, como uma relação de transferência analogizante de sentido que parte do eu ao outro. É isso o que podemos ver nas descrições dos três níveis abordados pelo autor: o corpóreo, psicofísico e egológico. O primeiro e mais primordial é o da transferência de sentido que se faz do soma [*Leib*] próprio ao corpo [*Körper*] alheio. De tal modo há uma semelhança do comportamento harmônico do corpo alheio em relação ao soma próprio, que se pode falar de um soma do outro apreendido através da transferência de sentido proveniente do soma do eu. Em outras palavras, apreende-se analogicamente o caráter de somaticidade do outro apenas porque ele é experienciado como semelhante ao soma do eu. E, através do emparelhamento [*Paarung*] originário, pode-se repetir a mesma estrutura para a relação da unidade psicofísica própria e alheia, assim como para a relação entre *ego* e *alter-ego*.

A princípio, portanto, parece haver uma transferência de sentido unidirecional, i. e., todo sentido de alteridade da experiência primordial parte de uma relação de associação entre aquilo que é próprio e aquilo que é alheio. No entanto, nos níveis superiores, há, para Husserl, uma nova relação que é multidirecional: não só o outro ganha seu sentido a partir do eu, como também o eu ganha seu sentido a partir do outro. Na verdade, segundo o filósofo, “encontramos um vivente despertar-se mútuo, um mútuo deslocamento e um cobrir-se de cada um com o sentido objetivo do outro” (HUSSERL, 2013, p. 151). Assim, tem-se uma intercambialidade entre eu e outro, pois, a bem da verdade, “também o meu soma se encontra no seu, e que, em geral, ele me experiencia sem mais como um outro para ele, tal como eu o experiencio como meu outro” (HUSSERL, 2013, p. 168).

1.2. Estrutura mundo-natal-mundo-estrangeiro dos manuscritos de 1929-1933

Sabe-se que, em diversos manuscritos datados entre 1929-1933, Husserl buscou refletir sobre a constituição de culturas particulares e como elas se inter-relacionam. Nestes textos, das diversas questões ali presentes, havia, por exemplo, a investigação sobre o modo como certos sujeitos, membros de um determinado mundo cultural, conseguiam distinguir aquilo que é culturalmente familiar do culturalmente estrangeiro. Por exemplo, como um sujeito concreto, participante de uma nação, conseguia ao mesmo tempo perceber a familiaridade de seus objetos culturais (a língua, os costumes, as vestimentas etc.) e perceber a estrangeiridade de objetos culturais de alguma nação vizinha. Havia nestes manuscritos, portanto, a tarefa de compreender fenomenologicamente como “uma outra humanidade estrangeira com seu mundo natal estrangeiro é diferente do meu” (HUSSERL, 1973, p. 215).

Sobre o assunto, o que novamente interessa ao presente trabalho é, em certa medida, os modos de explicitação da experiência cultural do estrangeiro, em especial, as características estruturais que definem a relação mundo-natal-mundo-estrangeiro. Para tanto, pode-se apontar três características centrais que marcam tais modos: a) a anterioridade do mundo natal; b) a

analogicidade da relação mundo-natal-mundo-estrangeiro; c) e a intercambialidade da relação mundo-natal-mundo-estrangeiro.

A começar pela primeira característica, vemos que a experiência de um mundo estrangeiro requer, em primeira instância, a antecedência de um mundo natal, já que um mundo estrangeiro “é necessariamente uma modificação do mundo natal” (HUSSERL, 2008, p. 168). Isso significa dizer que: cada sujeito, apenas enquanto coparticipante de um mundo natal, pode apreender o sentido “estrangeiro” de um mundo do qual não participa. Assim, tal apreensão, que é primordialmente uma variação de sentido, requer necessariamente a anterioridade de configurações culturais que são partes de um mundo cultural determinado. Acessar culturalmente o mundo estrangeiro significa percebê-lo indiretamente através do próprio mundo natal.

Da mesma maneira, nota-se que tal apreensão ocorre por meios analógicos, i. e., as configurações culturais familiares são fontes de transferência de sentido para as configurações culturais estrangeiras. Husserl diz que o país estrangeiro, a cultura estrangeira e a humanidade estrangeira “são compreendidos por mim *analogicamente*, mas de forma indefinidamente geral e de modo que suas especificidades são simplesmente desconhecidas” (HUSSERL, 2008, p. 168, grifo nosso). Isto ocorre porque se opera na percepção do mundo estrangeiro um horizonte de pré-compreensibilidade constituído analogicamente a partir de um mundo familiar. O caráter de estrangeiridade dos objetos alheios só adquire o seu sentido na medida em que ele é uma variação singular e distinta do que é familiar. Por exemplo, a língua árabe, para um lusófono, só é compreendida como uma língua estrangeira porque ela tem características, ao mesmo tempo, análogas e distantes ao português.

No entanto, apesar da anterioridade do mundo natal e da analogicidade da apreensão do mundo estrangeiro, Husserl admite que há espaço para a intercambialidade de sentido entre os dois mundos, pois “naturalmente resulta da experiência concernente ao estrangeiro a expansão na forma de uma multiplicidade aberta de pátrias estrangeiras e a *interação*” (HUSSERL, 2008, p. 546, grifo nosso). Tal interação ocorre porque da mesma maneira que determinado mundo cultural apreende um mundo alheio com o sentido de estrangeiro a partir de uma relação analógica, o mesmo ocorre inversamente. De tal modo que aqueles que coparticipam de um mundo cultural, através da relação com outro mundo, apreendem-se enquanto estrangeiros dos estrangeiros. E, a partir desta relação de mútua compreensão, surge a possibilidade de formação de um mundo comum. Segundo Husserl (HUSSERL, 2008, p. 168), a “conexão estabelecida entre nós enquanto compatriotas com os estrangeiros de sua pátria estrangeira é *eo ipso* um mundo individual comum”.

2. Held e Steinbock

Para compreendermos os limites de correspondência entre a relação eu-outro das *Meditações* e a relação mundo-natal-mundo-estrangeiro dos manuscritos de 1929-33, pode-se colocar ao menos duas teses divergentes. A primeira tese é a da continuidade. Nela, tem-se a defesa da ideia de que haveria entre as duas estruturas, salvo as diferenças de níveis, uma correspondência. Sendo assim, tal tese parte da ideia de que o mundo natal é algum tipo de instância superior do eu, ao passo que o mundo estrangeiro é uma instância superior do outro. Assim, tal como há uma relação de oposição e de interação entre o eu e o outro, haveria também, salvo as devidas proporções, o mesmo na relação entre um mundo natal e um mundo estrangeiro.

A segunda tese defende que, apesar da possibilidade de se apontar semelhanças entre as duas estruturas, haveria, no entanto, uma diferença crucial entre elas. Assim, não bastaria dizer que o mundo natal é apenas um conceito de um “eu alargado”, como também o mundo estrangeiro seria um conceito de um “outro alargado”. Pois, ao fim e ao cabo, as relações entre o eu e o outro no seu nível mais primordial não se repetiriam nos níveis superiores. Haveria, assim, características

essenciais da relação entre mundo natal e mundo estrangeiro que seriam novas em relação à estrutura eu-outro das *Meditações*.

A primeira interpretação pode ser encontrada, por exemplo, no artigo de Klaus Held intitulado *Heimwelt, Fremdwelt, die eine Welt*. Neste texto tem-se o objetivo de apresentar uma ponte entre a Quinta Meditação e a *Crises* através das semelhanças no que dizem respeito à constituição de um mundo. No entanto, para além desse objetivo central, tem-se, ao longo de todo o artigo, a presença da tese da continuidade entre a estrutura eu-outro e a estrutura mundo-familiar-e-mundo-estrangeiro.

Segundo Held (1991, p. 319), para Husserl, a “estrutura da constituição intersubjetiva do primeiro nível tem uma correspondência com o segundo”. De tal modo que se considera o mundo estrangeiro “como um componente do nosso mundo natal, assim como o soma-corpo do outro [Leibkörper des Anderen] pertence, enquanto corpo, à minha esfera primordial” (HELD, 1991, p. 319). Isto se deve, em grande medida, ao fato de que Husserl pensa a relação entre mundo natal e mundo estrangeiro a partir dos mesmos parâmetros posicionais da relação entre o eu e o outro. Nas *Meditações*, o eu, no seu aqui, percebe o outro através de uma “associação emparelhante”, de tal modo que seu soma é apresentado “*como se eu estivesse ali*” (HUSSERL, 2013, p. 157). Ora, segundo Held, essa mesma estrutura do ali-aqui se repete quando Husserl se propõe a pensar o mundo natural e o mundo estrangeiro. É isso o que vemos, por exemplo, no manuscrito de número 35, no qual Husserl afirma (HUSSERL, 1973, p. 625, grifo nosso) que “nós podemos compreender” o mundo estrangeiro “*como se ele fosse familiar*”².

A segunda interpretação, divergente da primeira, pode ser encontrada no livro de Anthony Steinbock intitulado *Home and Beyond*. No último tópico do capítulo 11 do livro em questão, Steinbock se propõe a defender a ideia de que o mundo natal e o mundo estrangeiro se constituem através de uma relação cogenerativa. No entanto, para além desta questão central, o comentador se posiciona contrariamente à tese continuísta de Held. Pois, para Steinbock (1995, p. 183), o mundo natal “não pode ser visto como um mero paralelo do *ego* na consideração cartesiana, espelhado apenas em um ‘nível superior’”. Através de uma metáfora, Steinbock explica que pensar uma correspondência pura e simples entre essas duas estruturas seria supor que os níveis intersubjetivos se relacionariam tal como as bonecas russas: cada nível intersubjetivo superior englobaria seu respectivo inferior.

A contrariedade de Steinbock se baseia, em grande medida, no fato de que, ao supor uma correspondência entre as duas estruturas, a relação mundo natal e mundo estrangeiro replicaria a anterioridade do eu ante ao outro. Isto porque, ao menos no modo expositivo das *Meditações*, a apresentação do outro é sempre antecedida pela primordialidade do eu. Ao passo que, para Steinbock (1995, p. 183), diferente do eu, “o mundo natal não é unidirecionalmente absoluto, independente, ou original”, isto é, o mundo natal não é um absoluto aqui no qual se constituem todas as relações; e nem mesmo o mundo estrangeiro é tão somente “relativo ou dependente” ao mundo natal.

Para Steinbock, a diferença entre as duas estruturas residiria no fato de que justamente o mundo natal e o mundo estrangeiro são dois elementos que emergem conjuntamente e que estão sempre em uma relação correlativa e codependente. Assim, não se pode pensar uma independência ou primordialidade do mundo natal ante o mundo estrangeiro, pois isto, no limite, significaria a aniquilação dos dois mundos. Para corroborar sua tese, Steinbock apresenta um trecho do suplemento 10 no qual Husserl (HUSSERL, 1973, p. 176) afirma que “o universo na sua primeira forma como mundo natal só se revela quando outros mundos familiares, outros povos estão em meu horizonte” (HUSSERL, 1973, p.176). Em outras palavras, só pode haver a constituição do

² Para uma análise aprofundada de todas as passagens do artigo de Husserl que tratam do paralelismo entre a estrutura eu-outro e mundo-familiar-mundo-estrangeiro, ver HELD, 1991.

mundo natal na e pela relação com os outros mundos familiares que se apresentam como mundos estrangeiros³.

3. Continuidade ou ruptura?

Por fim, resta saber em que medida a relação eu-outro e a relação mundo-natal-mundo estrangeiro são correspondentes. Como vimos, de um lado, a tese continuísta de Held aponta para o fato de que as duas relações possuem características expositivas semelhantes, como a questão do caráter ficcional (o “como se”) presente tanto na percepção do outro, quanto do mundo estrangeiro. Por outro lado, no entanto, a tese descontinuísta de Steinbock apresenta um contra-argumento bastante contundente, a saber, que, diferente da relação eu-outro, não haveria na relação mundo-natal-mundo-estrangeiro a anterioridade do mundo natal ante à constituição do mundo estrangeiro.

No entanto, defende-se, no presente trabalho, que ambos os autores, em certa medida, estão corretos. Acredita-se que Held esteja certo em reconhecer uma semelhança entre as duas relações. Como se pode notar pela leitura dos pontos 1.1 e 1.2, através dos princípios de anterioridade e analogicidade tanto do eu, quanto do mundo natal, Husserl se valeu de duas estruturas propositalmente semelhantes.

Da mesma maneira, Steinbock é muito feliz em apontar que a relação entre o mundo natal e o mundo estrangeiro tem um caráter de intercambialidade, ou, nas palavras do autor, de codependência. No entanto, o que faltou na leitura do comentador é a atenção para as outras duas características apontadas no presente trabalho e o reconhecimento de que a relação das três características não é, em si mesma, contraditória. Isto porque se pode pensar em dois momentos distintos das duas relações. Em um primeiro momento, a percepção do outro (ou do mundo estrangeiro) requer uma relação analógica com um eu (ou mundo natal) que é anterior. Em um segundo momento, essa mesma relação se matiza ao ponto de uma intercambialidade, em que não só o outro (ou mundo estrangeiro) ganha seu sentido a partir do eu (ou mundo natal), como também a relação inversa: tanto o eu quanto o mundo familiar se modificam em contato com a alteridade⁴.

Portanto, tem-se a defesa de que, ao menos no recorte do presente trabalho, é possível reconhecer uma relação de correspondência entre a estrutura eu-outro e a estrutura mundo-natal-mundo-estrangeiro. O que significa, por consequência, que ainda nos manuscritos de 1929-1933, Husserl pretendia fazer valer os resultados das *Meditações* (1929).

Considerações finais

Em suma, partiu-se de uma breve retomada da estrutura eu-outro das *Meditações* sob a luz de três características centrais: anterioridade, analogicidade e intercambialidade. Da mesma maneira, abordou-se a estrutura mundo-natal-mundo-familiar sob as mesmas características. Posteriormente, colocou-se em debate duas teses contrárias, a continuísta de Held e a descontinuísta de Steinbock. Por fim, através de uma mediação entre os dois comentadores, defendeu-se a interpretação de que há uma correspondência entre as *Meditações* e os manuscritos de 1929-33, que são concernentes aos níveis intersubjetivos superiores.

3 No entanto, a bem da verdade, Steinbock defende que essa constatação não o impede de reconhecer que em alguma medida há “cruzamentos, intersecções e conexões” entre a estrutura eu-outro e a estrutura mundo-natal-mundo-familiar.

4 No limite, o caráter de codependência da relação mundo-natal-mundo-estrangeiro também valeria para a relação eu-outro, já que, no nível mais primordial, como mostramos, também há uma intercambialidade do sentido. Diferente do defendido por Steinbock, portanto, a codependência dos lados opostos não é uma característica distinta dos níveis superiores.

Referências bibliográficas

HELD, K. Heimwelt, Fremdwelt, die eine Welt. *Phänomenologische Forschungen*, vol. 24/25, 1991.

HUSSERL, E. *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität: Dritter Teil*. Haag: Martinus Nijhoff, 1973. (Hua XV)

_____. *Die Lebenswelt: Auslegungen der vorgegebenen Welt und ihrer Konstitution*. Dordrecht: Springer, 2008. (Hua XXXIX)

_____. *Meditações Cartesianas*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

STEINBOCK, A. *Home and Beyond: Generative Phenomenology after Husserl*. Evanston: Northwestern University Press, 1995.